

AS EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS E LABORAIS DE JOVENS APRENDIZES: DESAFIOS PARA CONCILIAR TRABALHO E ESCOLA

The training and work experiences of young apprentices: challenges faced in reconciling work and school

Lucia Alvares Pedreira

Universidade do Estado da Bahia (UNEBA), Campus II,
Alagoinhas, BA; Centro de Estudos e Pesquisas em
Humanidades –CRH da Universidade Federal da Bahia (UFBA),
Salvador, BA, Brasil.

Informações do artigo

Recebido em 31/10/2024

Aceito em 18/11/2024

doi: <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2024.n263.p664-695>

Copyright (c) 2024 Lucia Alvares Pedreira.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](#).

Você é livre para:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer meio ou formato.

Adaptar — remixar, transformar e construir sobre o material para qualquer finalidade, mesmo comercialmente.

Como ser citado (modelo ABNT)

PEDREIRA, Lucia Alvares. As experiências formativas e laborais de jovens aprendizes: desafios para conciliar trabalho e escola. *Cadernos do CEAS: Revista Crítica de Humanidades*. Salvador/Recife, v. 49, n. 263, p. 664-695, set./dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2024.n263.p664-695>

Resumo

Os jovens tem sido os mais afetados pelo processo de flexibilização das relações de emprego, pelo desemprego, pela precarização do trabalho e pela violência. A preocupação com a empregabilidade se torna o foco central das políticas públicas voltadas para a juventude no Brasil tendo na política de aprendizagem profissional uma das principais alternativas. Nos últimos anos, tem crescido o número de jovens inseridos no mercado de trabalho, na condição de jovem aprendiz, constituindo-se numa das principais portas de acesso ao primeiro emprego no Brasil. O objetivo deste artigo é refletir sobre a experiência formativa e laboral de jovens aprendizes, para compreender o que representa para eles ser jovem aprendiz, e os desafios que enfrentam, ao terem, ainda tão cedo, de conciliar o mundo do trabalho com a escola e a vida juvenil. A metodologia fundamentou-se em uma pesquisa qualitativa realizada em uma das entidades formadoras de Salvador que atende jovens aprendizes. Utilizou-se da observação participante, acompanhando duas turmas de formação durante dois anos, e de entrevistas narrativas com quatorze jovens aprendizes. As entrevistas foram realizadas através de cartas com figuras que remetiam a temas da vida cotidiana como família, escola, trabalho, vida juvenil, etc. Os resultados da pesquisa apontam que se por um lado participar do Programa de Aprendizagem Profissional não garante aos jovens uma futura inserção no mercado de trabalho, por outro, faz transformações importantes na vida desses jovens de periferia, possibilitando que eles se reconheçam como sujeitos de direito, aprendam a se expressar, a ter voz, etc.. Conclui-se ainda, que algumas entidades que oferta formação profissional aos jovens trabalhadores, a exemplo da instituição pesquisada, tem práticas educativas ancoradas nos princípios de uma educação emancipadora, possibilitando uma formação que vai além de uma mera formação instrumental voltada para apenas treinar a mão de obra.

Palavras-chave: Jovem aprendiz. Juventude trabalhadora. Educação emancipadora. Narrativas juvenis.

Abstract

Young people have been the most affected by the process of flexibilization of employment relations, unemployment, precarious work and violence. Concern for employability has become the central focus of public policies aimed at young people in Brazil, with professional training policies being one of the main alternatives. In recent years, the number of young people entering the job market as young apprentices has increased, constituting one of the main gateways to accessing their first job in Brazil. The objective of this article is to reflect on the training and work experiences of young apprentices, to understand what it means for them to have to reconcile the world of work with school and youth life at such a young age. The methodology was based on qualitative research carried out in one of the training institutions in Salvador that serves young apprentices. Participant observation was used, following two training groups for two years, and narrative interviews through letters with pictures that referred to themes of daily life such as family, school, work, young life, etc. The results of the research indicate that while participating in the Professional Learning Program does not guarantee young people a future insertion in the job market, on the other hand, it brings important transformations in the lives of these young people from the outskirts, allowing them to recognize themselves as subjects of rights, learn to express themselves, to have a voice, etc. It is also concluded that some entities that offer professional training to young workers, such as the institution researched, have educational practices anchored in the principles of an emancipatory education enabling training that goes beyond mere instrumental training aimed at training the workforce.

Keywords: Young apprentice. Working youth. Emancipatory education. young narratives.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a temática da inserção dos jovens no mercado de trabalho constitui uma das principais preocupações das políticas públicas voltadas para a juventude. A política de Aprendizagem Profissional passa a ser uma das principais alternativas no quadro das políticas públicas de juventude, constituindo-se em numa importante política de promoção ao ingresso de adolescentes e jovens no mercado de trabalho formal de forma mais protegida.

Estudos (Borges, 2016; Corrochano, 2008; Pochmann, 1998) apontam que o segmento etário mais afetado negativamente pelo processo de flexibilização das relações de emprego, pela precarização do trabalho e pela violência é a população de 15 a 24 anos, ou seja, os jovens, além de serem os mais suscetíveis ao desemprego. A Lei da Aprendizagem (Lei 10.097 de 2000) vem no sentido de contribuir para a inclusão desses jovens no mercado de trabalho, na condição de jovem aprendiz, constituindo-se numa das principais portas de acesso ao primeiro emprego de jovens no Brasil (BRASIL, 2000).

Neste artigo apresenta-se alguns resultados da minha pesquisa de Doutorado¹, no Programa de Pós-graduação em Educação Contemporaneidade, na Universidade do Estado da Bahia- UNEB, no período de 2016-2019. A pesquisa de campo foi realizada junto à Associação Ação Mosteiro de Salvador (AASMOS), uma das entidades formadoras do Programa de Aprendizagem Profissional, no Arco Ocupacional Setor Bancário, que atende jovens aprendizes de 15 a 17 anos, contratados na condição de jovem aprendiz para trabalhar nas agências do Banco do Brasil de Salvador. Trata-se de jovens periféricos, residentes no Subúrbio Ferroviário de Salvador, que vivem em situação de pobreza.

Utilizou-se como estratégia metodológica a observação participante, acompanhando duas turmas de formação profissional durante o período de 2017-2019, além de entrevistas narrativas com quatorze jovens aprendizes. Os nomes dos jovens que apresentaremos aqui nas falas, fruto das entrevistas, são fictícios, de forma a

¹ Sob a orientação do Prof. Antonio Dias Nascimento

preservar a identidade deles, não utilizamos o nome pedimos que cada um dissesse como gostaria de constar na pesquisa. O objetivo central foi conhecer como as juventudes, em especial a juventude trabalhadora da periféricas, vivenciam a experiência de conciliar trabalho, escola e formação profissional.

A juventude constitui momento da vida que tem significado em si, não sendo apenas uma fase de transitoriedade para a vida adulta. No entanto, é preciso tomá-la na sua pluralidade, nos seus diversos modos de ser, ver os jovens como sujeitos sociais, “um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade” (Dayrell, 2007, p. 161).

JUVENTUDE(S), TRABALHO, ESCOLA: A DIFÍCIL ARTE DE CONCILIAR MUNDOS DISTINTOS

Os estudos que tratam da juventude, em especial da juventude trabalhadora, têm buscado refletir sobre o que representa para eles, ainda tão cedo, ter a responsabilidade de conciliar estudo, trabalho e vida juvenil. Vários autores vêm discutindo sobre as juventudes em sua relação com o mundo do trabalho e da educação. Afinal, o que constitui a juventude: o trabalho ou a escola? Se por um lado podemos pensar a juventude como uma fase da vida fortemente vinculada à educação, para uma parte significativa da juventude brasileira pode-se dizer que o trabalho tem centralidade, como bem destaca Guimarães (2004), o trabalho é uma categoria-chave no imaginário juvenil, sendo uma das dimensões constitutivas da experiência juvenil brasileira (Tommasi; Corrochano, 2020). Brenner e Carrano (2023, p.4) chamam atenção que “os jovens das classes populares empreendem uma dura e desprotegida luta que combina trabalho e permanência na escola”.

Para boa parte da juventude brasileira, o mundo do trabalho aparece como uma mediação efetiva e simbólica na experimentação da condição juvenil, podendo-se afirmar que “o trabalho também faz a juventude” (Sposito, 2005), mesmo considerando a diversidade existente de situações e posturas por parte dos jovens em relação ao trabalho. O trabalho assume muitas vezes o papel de rito de entrada no mundo adulto. Nas falas dos jovens aprendizes entrevistados é bastante enfatizada a ideia de que a inserção deles no

mercado de trabalho como aprendiz demarcou a perda da inocência da infância e ser aprendiz é visto como um momento importante para prepará-los para entrada no mundo adulto e para a sua inserção futura no mercado de trabalho.

Silva (2023, p.4) ressalta que “o trabalho é, para uma grande maioria de jovens brasileiros, um *lócus* construtor de trajetórias”. Fernandes, ao analisar as expectativas de jovens de 15 a 24 anos da Baixada Fluminense sobre sua condição etária, e as questões centrais para eles, identificou que “o trabalho e a educação, são como se fossem um refrão musical, que povoam o imaginário dos jovens, trabalho e educação são percebidos pelos jovens como sendo fatores que propiciará melhores condições de vida” (Fernandes, 2011, p.102). De acordo com Franzoi (2011) é impossível falar em jovens e sua relação com o trabalho sem que se interponha o terceiro termo da equação: a escola. Como ressalta ainda a autora, dois pressupostos básicos norteiam as reflexões sobre juventude e sua relação com o trabalho: a educação como direito de todos e o trabalho como dimensão central do homem. Dayrell, em 2007, publica um artigo que questiona se a escola “faz” as juventudes e problematiza o lugar que a escola ocupa na socialização da juventude contemporânea, em especial dos jovens das camadas populares. No entanto, é preciso lembrar que se para uma parcela dos jovens, em geral pertencentes às camadas mais elevadas, “o tempo da juventude e do Ensino Médio pode ser apenas um tempo de formação, sem grandes preocupações com a inserção no mercado” (Corrochano, 2014, p.214) enquanto para uma grande maioria, dentre eles os jovens negros das periferias, se constitui em um tempo de muito trabalho, de grande desafio de conciliar a vida de estudante e de trabalhador, o que se expressa no sentimento manifesto pelos jovens aprendizes entrevistados de muito cansaço, ou como bem retratou o jovem Quirito de 16 anos que depois de acordar cedo para ir trabalhar, chega na escola “como um zumbi”.

O QUE É SER JOVEM APRENDIZ?

Afinal, em que constitui o trabalho do jovem aprendiz? O contrato de aprendizagem não é uma modalidade nova. Na Idade Média, com as corporações de ofício, existia a figura do aprendiz, e os contratos eram firmados entre os mestres e o pai dos aprendizes. Em 1819, na Bahia, cria-se o Seminário dos Órfãos, com o objetivo de recolher

crianças órfãs e abandonadas e dar-lhes um ofício: "crianças a partir de cinco anos de idade eram encaminhadas às oficinas, como aprendizes" (Rangel; Cristo, 2004, p.75), reforçando a ideia do trabalho como um instrumento disciplinador da criança pobre.

Durante a República, com as primeiras indústrias no país, têm início as primeiras políticas de formação profissional, e a aprendizagem é instituída no ordenamento jurídico brasileiro, com o objetivo de qualificar os trabalhadores para atender à indústria nascente no Brasil. Em 1943, com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), a aprendizagem profissional, torna-se obrigatória. Seu art. 429 dispõe que "Os estabelecimentos de qualquer natureza são obrigados a雇ar e a matricular, nos cursos dos Serviços Nacionais de Aprendizagem, número de aprendizes equivalente a 5%, no mínimo, e 15%, no máximo, dos trabalhadores existentes em cada estabelecimento, cujas funções demandem formação profissional" (BRASIL, 1943). No entanto, como nesse período só havia sido criado o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI, essa obrigatoriedade ficou restrita às indústrias e em seguida, em 1946, com a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial –SENAC, estendeu-se a aprendizagem profissional ao setor do comércio.

Com a Constituição de 1988 há a proibição do trabalho dos menores de 16 anos, mas a Carta Magna ressalta que a partir dos 14 anos pode-se ingressar no mercado de trabalho na condição de aprendiz. Dois anos depois, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em seu artigo 62, estabelece a aprendizagem como sendo uma formação técnico-metodológica ofertada ao adolescente ou jovem segundo as diretrizes e bases da legislação educacional vigente, através de um contrato de aprendizagem (BRASIL, 1990). O Contrato de Aprendizagem se constitui em um contrato especial de trabalho, com prazo determinado de vinte e quatro meses, devendo conter anotação na Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) acerca do curso, a função e o código de ocupação a qual o jovem será contratado. A empresa, ao contratar o jovem na condição de aprendiz, caso não seja associada ao Sistema S, deve estabelecer um contrato com uma entidade qualificada em formação técnico-profissional metódica para realizar a formação teórica. Entre os jovens aprendizes haverá sempre essa dupla relação: de um lado a empresa contratante onde o jovem realizará as atividades laborais (a parte prática) e a entidade formadora, que realizará as atividades formativas (teórica).

Em 2000, a Lei nº 10.097, também conhecida como Lei da Aprendizagem, traz novas definições, alterando o art. 43º da CLT, que passa a admitir a elaboração de programas de aprendizagem por entidades sem fins lucrativos, voltadas à assistência ao adolescente e à educação profissional, que estejam registradas no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, e que contem com estrutura adequada ao desenvolvimento dos programas de aprendizagem, de forma a manter a qualidade do ensino, bem como acompanhar e avaliar os resultados (Art. 43º, Inc. II, § 1º). Com isso, foi possível a ampliação da oferta da aprendizagem, através de outras entidades qualificadas em formação técnico-profissional metódica, além dos tradicionais Serviços Nacionais de Aprendizagem, o chamado Sistema "S", com a entrada de Organizações Não Governamentais – ONGS, que já vinham atuando no atendimento a adolescentes e jovens (BRASIL, 2000).

SER JOVEM APRENDIZ: O QUE OS JOVENS PENSAM SOBRE ESSA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL?

Apresentaremos aqui, alguns achados da nossa pesquisa realizada durante o período de 2017-2019 na Associação Ação Social Mosteiro de Salvador (AASMOS), uma das trinta e duas entidades formadoras validadas pelo Ministério do Trabalho e Emprego, atualmente Ministério da Economia, que na época ofertava cursos de formação profissional a jovens aprendizes de Salvador atendendo 49 jovens. Quanto ao perfil dos jovens, tem-se, no conjunto, uma maior presença feminina: 30 meninas para 19 meninos. Conforme nos relatou os educadores, nos últimos anos, tem crescido a presença das meninas, e isso deve-se ao fato de elas, em geral, se destacarem no processo seletivo. A grande maioria dos jovens se declara negros (sendo 10 pretos e 35 pardos), representando 91,8%, e somente três deles se consideram brancos. Todos os jovens são moradores do Subúrbio Ferroviário e residem, majoritariamente, nas proximidades da Associação, nos bairros de Coutos (15 jovens), Fazenda Coutos (14 jovens), Paripe (10 jovens), os demais residem em outras localidades da região. São oriundos de famílias de baixa renda: boa parte delas tem renda familiar que varia de um a dois salários mínimos, e muitas são beneficiárias do Programa Bolsa Família.

Destes, entrevistamos quatorze jovens aprendizes, sendo sete do sexo masculino e sete do sexo feminino, com idades entre 15 e 17 anos. As entrevistas foram realizadas depois de uma longa convivência com os jovens, acompanhando-os no seu processo formativo. Utilizou-se como estratégia metodológica cartas com figuras que remetiam a temáticas e os jovens iam escolhendo aleatoriamente as cartas e iam sendo demandados a falar sobre temas da sua vida cotidiana como família, escola, trabalho, vida juvenil, redes sociais, etc. Uma das questões que indagamos os jovens foi sobre a experiência de ser jovem aprendiz, o que tem significado para eles e o que os motivou a entrar no Programa Jovem Aprendiz. Para boa parte deles, a principal motivação foi a necessidade financeira, de forma a ajudar a família, assim como ter independência financeira, autonomia e acesso a bens materiais, além da experiência profissional, considerada fundamental para posterior inserção no mercado de trabalho.

A jovem Déa, caçula do grupo, ao falar das motivações, contou-nos que inicialmente foi a questão financeira, pela possibilidade de ajudar a família. Déa é uma das jovens cuja família dispõe de melhores condições financeiras, uma renda de 3 a 4 salários mínimos, sendo que, no entanto, quando iniciou no Programa Jovem Aprendiz, em março de 2018, a mãe e o padrasto estavam desempregados.

A primeira motivação foi para ter uma maior independência financeira, poder ter o dinheiro para gastar nas minhas coisas. Hoje o fato de não precisar mais que meus pais gastem o dinheiro deles com minhas coisas os liberam para usar em outras coisas da casa. É muito bom poder ajudar a família. (Déa, 15 anos)

Entre os jovens aprendizes pesquisados, assim como encontrado na pesquisa de Corrochano (2018), a percepção do trabalho como necessidade é bem mais ressaltada entre os jovens de famílias de mais baixa renda, como é o caso da jovem Isabelli, que vem de uma família extensa na qual apenas sua mãe trabalhava para sustentar onze pessoas, entre filhos, noras e netos. Há também aqueles jovens que no momento em que ingressaram no Programa os pais estavam passando por dificuldades financeiras, muitos estavam desempregados ou como o caso da jovem Maria cujo os pais tinham acabado de se separar e a mãe tinha ficado com a responsabilidade de dar conta da casa e das duas filhas.

Eu já tinha o sonho de trabalhar, de querer adquirir experiência e esse trabalho chegou pra mim num momento muito difícil, foi no momento que meus pais tinham separado e minha mãe era sozinha pra tudo, meu pai não estava ajudando, então era um momento difícil pra minha mãe administrar a casa, eu e minha irmã e

segurar tudo sozinha. Tava difícil pra ela, assim quando soube da seleção eu me esforcei pra conseguir estar aqui, pra poder ajudá-la, pra ser eu e ela e dividir o peso. (Maria, 16 anos)

Sarti (1994) ao discutir o lugar das crianças no seio das famílias pobres ressalta que, desde muito cedo, já lhes são atribuídas funções e o trabalho faz parte do compromisso moral, visto como uma forma de retribuição.

Eu sempre, desde os 14, quis trabalhar, sempre achei o máximo trabalhar, eu ficava vendo minha irmã sair para trabalhar e eu ficava muito agoniado em casa com crise de ansiedade querendo trabalhar, pois eu queria acelerar meu futuro, e aí eu consegui e também me chamou atenção aprender novas coisas, eu aprendi muito aqui e também amadureci muito, pois hoje eu sou uma pessoa mais social tanto que hoje como te disse eu tenho amigos, amigos que eu considero melhores amigos, amigos irmãos.(Eduardo, 17 anos)

O depoimento do jovem Eduardo reforça a centralidade do trabalho para os jovens das camadas populares, parece já está inscrito no DNA como algo natural e muitos deles, assim que entram na adolescência, já sentem ter como missão trabalhar, um sentimento moral do dever de ajudar a família.

Permeia ainda, em boa parte das narrativas dos jovens, a ideia do trabalho como fator de disciplinamento e preparação para a entrada no mundo adulto, preparando-os para a sua inserção no mercado de trabalho, além da ideia de amadurecimento, que os ajudam a “abrir a mente”, além do aumento de repertórios linguísticos.

Eu acho que não saberia mais viver sem trabalhar, depois que você começa a ter o seu salário, você fica com a mente tão mais centrado, eu soube dar valor ao dinheiro depois que comecei a trabalhar. Hoje repasso o ticket alimentação para minha mãe e as vezes ajudo a pagar alguma conta, o restante eu faço minha poupança, já está até gordinha, eu penso usar para fazer meus cursos, me manter na universidade. (Téo, 17 anos)

Vale destacar, que esse preparo vai muito além do saber fazer da atividade laboral em si, do saber instrumental. Envolve muitas outras dimensões, como podemos ver em suas falas: “aprender a se locomover na cidade”, “a andar de ônibus”, “a se vestir apropriadamente”, “a lidar com conflitos”, dentre outros. É um espaço de aprender os códigos do mundo do trabalho e também do mundo adulto.

Esse mesmo sentimento os jovens têm em relação à escola, como espaço de disciplinamento. Como nos disse a jovem Déa, “*a escola é importante, é uma preparação para a vida. Pega ônibus todo dia, a gente aprende a pegar ônibus, tem que aprender a chegar*

no horário, forma de se vestir [referindo-se ao fardamento]”, diz ainda: “é muito importante pra disciplinar a gente, colocar a gente no lugar, me disciplinou bastante” (Déa, 15 anos, grifo nosso). A escola tem um papel fundamental na formação dos “hábitos de trabalho” (Powel, 1772 *apud* Thompson, 1991, p.71).

O JOVEM APRENDIZ: O MERCADO DE TRABALHO E AS POSSIBILIDADES DE INSERÇÃO

Nas entrevistas indagou-se aos jovens como eles percebem o mercado de trabalho hoje e como eles veem as perspectivas de inserção nele após saírem do Programa Jovem Aprendiz. Chama atenção como a racionalidade da lógica neoliberal discutida por Dardot e Laval (2016) da responsabilização do sujeito pelo seu sucesso e fracasso parece estar bastante presente nos discursos dos jovens. Como pode ser visto na fala abaixo, onde a crença de que o esforço do indivíduo é determinante para acessar o seu lugar no mundo.

A situação do mercado – é difícil, mas a gente tem que tentar. Nossa, quanto mais a gente estuda mais chance a gente tem, a gente vai abrindo portas, com estudo e muito esforço a gente vai acabar conseguindo o nosso lugar (Dandara, 16 anos).

Eu sou uma pessoa muito confiante, tudo dará certo pelo meu esforço (Eduardo, 17 anos, grifo nosso).

Lançou-se uma outra questão; o que pensam ser necessário para conseguir um emprego. A jovem aprendiz Renata (16 anos) respondeu: “acho que hoje em dia o que mais facilita para ter acesso ao mercado de trabalho é a pessoa ter um currículo cheio”. Questionamo-la sobre o que é ter um currículo cheio e ela nos disse: “um currículo que demonstre que a pessoa já trabalhou em várias empresas, tem vários cursos, pois acho que as empresas preferem aquelas pessoas que já têm experiência, que tiveram vivência numa empresa, a aquelas que não têm ou têm pouca aprendizagem, isso dificulta muito os jovens que não têm experiência, fica um conflito”.

Outra narrativa muito presente entre os jovens aprendizes se expressa na fala de Déa, “emprego está difícil, mas trabalho tem”. Essa jovem relata a experiência da mãe que ficou desempregada, mas não desistiu de procurar e começou a trabalhar recentemente. Provavelmente, o fato de boa parte desses jovens vivenciarem histórias familiares de vínculos trabalhistas frágeis, em sua grande maioria do trabalho informal, e conviverem de perto com o desemprego – oito desses jovens informaram ter alguém desempregado em

casa – faz com que eles tenham uma perspectiva de futuro profissional incerta, pois convivem de perto com percursos laborais marcados pela perda do emprego, ou com inserções no mercado de trabalho em condições instáveis e precárias.

Os relatos dos jovens, sobre os primeiros dias de trabalho como aprendizes, mostram que a experiência da primeira inserção no mercado de trabalho tem sido marcada por tensão, medo e ansiedade, convivência diária com um transporte coletivo precário, ônibus cheios, com trajetos longos entre a moradia e o local de trabalho – alguns chegam a durar mais de uma hora e meia –, além da insegurança gerada pelos altos índices de assalto em linhas que circulam na região.

A jovem Tati, de 16 anos, depois de um ano já trabalhando como aprendiz, diz que fica insegura quando vai ao trabalho sozinha. Em geral, ela vai com algum colega, no entanto, sobre a semana que não conseguiu ir acompanhada, falou: “**Fiquei em pânico de ter que ir sozinha**” (*grifo nosso*). Essa insegurança deve-se ao fato de, que logo no início, quando começou a trabalhar, foi assediada por um vendedor ambulante que fica no ponto de ônibus do trabalho, ele a submeteu a assédio, com brincadeiras de teor sexual, uso de palavras constrangedoras e tentativa de toques em partes do seu corpo.

Outras duas jovens relataram ter passado por experiência de assédio sexual, ambas no próprio ambiente de trabalho. Uma delas comentou que um colega, da área de segurança do Banco, sempre na hora do almoço a deixava constrangida com elogios e com insinuações de ter um corpo bonito, situações estas que as mulheres muitas vezes passam no mundo corporativo. Essa situação vivenciada por essas jovens não são casos isolados, conforme podemos ver na pesquisa Panorama da Situação de saúde de jovens brasileiros: Intersecções entre Juventude, Saúde e Trabalho: 2016 a 2022 (Leandro, Bianca; Sobrinho, André; Abramo, Helena, 2024), os jovens, em geral, sofrem violência em maior proporção que as demais faixas etárias em todos os tipos de violência seja ela física, psicológica ou sexual, sendo que as mulheres mais jovens estão em situação de maior vulnerabilidade, em especial as jovens negras. Segundo essa mesma pesquisa, mais de $\frac{1}{4}$ dos jovens (27%) sofreu algum tipo de violência no espaço do último ano anterior à entrevista. Uma parcela de 7,7% dos jovens indica ter sofrido violência física e mais de $\frac{1}{4}$ dos jovens (25,3%) relatam ter sofrido violência psicológica nos últimos 12 meses. Quanto à violência sexual, 1,6% informam ter sofrido nos últimos 12 meses, e 7,2% em algum momento da vida.

O trabalho como ganho de autonomia aparece também com destaque nas narrativas juvenis, visto como um passaporte para a vida adulta. Afirmam que depois de começar a trabalhar os pais os deixaram mais livres, começaram a sair sozinhos, sendo que antes, boa parte deles, só saia com a família e quase nunca saia do entorno da sua moradia, assim, também passaram a circular mais pela sua cidade, para além das suas fronteiras territoriais.

A autonomia no trabalho, articulada ao individualismo, remete a uma forma de autonomia social, uma vez que gerir individualmente sua empregabilidade e sua inserção social constitui-se em um valor, tornando opaca a relação de articulação entre autonomia e subordinação a normas sociais "do cada um por si" (Rosenfiel, 2010, p. 20 *apud* Pedreira, 2020, p.94).

Dos quatorze jovens aprendizes entrevistados somente três deles, que estudavam em escolas localizadas fora do Subúrbio Ferroviário, conheciam outras regiões da cidade de Salvador; em geral, a circulação desses jovens esteve restrita ao seu bairro e adjacências.

Antes só saia com meus pais, casa de parentes ou praia. Nunca tinha ido na Barra, só depois que comecei a trabalhar que comecei a circular na cidade e conhecer lugares, antes ia mais na praia com meus pais. O trabalho me expandiu bastante, muitas coisas. Era assim que eu me encontrava. (Olga, 17 anos)

Falo com minha mãe que eu antes só conhecia Pituba [local onde estuda] e Coutos [onde mora]. Hoje em dia eu círculo, aprendi a me mexer na cidade, ando de metro, as vezes pego metro e vou pra Nazaré [bairro central da cidade] e depois de lá pego um ônibus pra casa. Antes nem sabia onde era Amaralina, Boca do Rio [bairros da cidade alta na orla de Salvador], hoje em dia minha mãe confia mais e me deixa sair mais. (Dandara, 17 anos)

Como já mencionado por Jesus (2018), tem sido comum, entre jovens moradores de bairros periféricos não ter familiaridade com a região do centro e mesmo de outras áreas da cidade, pois há segregação dos jovens da periferia. Os projetos sociais que atuam nessas áreas, muitas vezes têm possibilitado aos jovens de periferia uma maior circulação pela cidade, possibilitando-lhes conhecer espaços culturais e históricos importantes da cidade.

Questionou-se ainda aos jovens aprendizes da AASMOS o que consideram o maior empecilho para o jovem hoje conseguir emprego e todos foram enfáticos em apontar que a falta de experiência é um dos grandes entraves para acessar o mercado de trabalho. Ribeiro e Neder (2009), ao analisarem a desocupação entre os jovens, identificaram a inexperiência laboral como uma das principais desvantagens dos jovens em relação aos adultos e não o fator escolaridade.

Nas narrativas juvenis ao falarem da importância do Programa em suas vidas, aparecem de forma recorrente as novas amizades que fizeram na entidade formadora – a AASMO -, novas experiências, novos aprendizados e conhecimentos, além do acesso a bens materiais – “novas roupas”, “novos livros”, “celular”, “cremes de cabelo”, “comida”, etc. –, demonstrando o papel que uma política pública como essa tem, que vai muito além da inserção no mercado de trabalho.

O COTIDIANO DO TRABALHO DO APRENDIZ: PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO OU TRABALHO DECENTE?

Uma questão importante na pesquisa foi entender que tipo de experiência profissional o Programa Jovem Aprendiz vem ofertando a esses jovens em seu primeiro emprego. Um trabalho decente ou um trabalho precarizado? De acordo com a Organização Internacional do Trabalho - OIT, a aprendizagem é vista como um mecanismo de promoção do trabalho decente, o que possibilita trajetórias mais promissoras para a juventude. Nas conversas com os jovens pesquisados perguntamos se eles conheciam outros jovens que, assim como eles, já estavam no mercado de trabalho. Boa parte deles informou conhecer jovens que já trabalham, seja na escola seja nas relações familiares e comunitárias, confirmando a premissa de que nossa juventude é majoritariamente trabalhadora. Entretanto, a grande maioria dos jovens está inserida no mercado informal, como bem salienta a jovem aprendiz Dandara, ao falar da realidade dos jovens da sua escola.

Lá na escola o pessoal faz muito trabalho autônomo, tipo tem um que vende geladinho gourmet, bolo de pote, vende brigadeiro, tem uma menina que colocou uma plaquinha vende-se brigadeiro– empreender na própria escola – não é o que espero para mim mas acho que é um caminho temporário, não é definitivo.

Essa mesma jovem distingue o seu trabalho na condição de menor aprendiz como sendo muito melhor, pois “*tem muito mais condições. Eu converso com outros jovens e lá não tem o que temos aqui*”, referindo-se aos direitos trabalhistas e benefícios recebidos no Banco do Brasil como salário mínimo, carteira assinada, ticket-alimentação, vale transporte e plano de saúde. Na sua fala fica claro que hoje a ideia do empreendedorismo é tida como uma alternativa, “**empreender na própria escola**” tem sido a saída para os que não conseguem inserção no mercado de trabalho formal. Tommasi e Corrochano (2020, p.359)

ressaltam que, na última década, o empreendedorismo vem ocupando as agendas de organismos públicos e privados, crescendo a “difusão de iniciativas voltadas a incentivar e celebrar o empreendedorismo”, e em especial entre os jovens, a cultura empreendedora foi fortemente difundida, o que se expressa no aumento do número de jovens empreendedores no Brasil nos últimos anos.

O jovem Eduardo, estuda no turno noturno e conforme nos contou convive com grande parte de estudantes trabalhadores, *“por eu estudar à noite, na minha turma da escola, a maioria na minha idade entre 17 e 18 anos trabalha em emprego informal, muitos deles trabalham em oficinas, pinturas de carro, serralherias, só tem uma que trabalha com estágio”*. Perguntou-se como ele se vê em relação às condições de trabalho comparado com os demais jovens de sua escola. Eduardo respondeu: *“Eu me vejo melhor, eu tenho a ajuda da Associação, tenho um trabalho que não atrapalha estudar, com todas as condições e direitos trabalhistas”*.

Uma questão muito presente nas narrativas juvenis sobre o trabalho que desenvolvem no Banco é o sentimento de que é um trabalho repetitivo, gerando certa frustração pois não lhes possibilita muitas aprendizagens. Contudo, há também o sentimento de que não é um ofício penoso, desgastante, de grande esforço físico. Demonstram ter consciência que eles, na condição de jovem aprendiz do Banco do Brasil, têm condições de trabalho bem menos precário e com melhores condições salariais do que a grande maioria dos jovens trabalhadores que eles conhecem, inclusive de outros jovens aprendizes. Isso ocorre, devido ao fato que o Banco do Brasil, diferentemente das demais empresas, paga um salário mínimo integral, mesmo aos jovens trabalhando quatro horas por dia e não o salário mínimo proporcional, como em geral é pago aos jovens aprendizes. Além disso eles têm benefícios como ticket alimentação e plano de saúde, fundamental para terem acesso aos serviços de saúde de qualidade.

No entanto, apesar de os jovens aprendizes terem um contrato de trabalho especial que lhes garante uma inserção no mundo do trabalho em condições muito menos precária do que boa parte dos jovens que se encontram no trabalho informal, há outras dimensões do trabalho que são fundamentais para entender a precariedade do mesmo. Vargas (2016) chama atenção que a relação subjetiva com o trabalho, como ofício, com as atividades e o conteúdo de uma ocupação ou profissão, constitui, uma dimensão crucial

para apreender a precariedade do trabalho. Assim, buscou-se nas entrevistas compreender como os jovens percebem o ambiente de trabalho, as condições de trabalho, as relações com os colegas e com a figura do orientador² que tem o papel de acompanhá-los no processo de aprendizagem profissional.

A fala de uma das jovens entrevistadas relatando os primeiros dias no Banco é ilustrativa do sentimento de angústia e também de como os jovens, em especial os jovens negros periféricos encontram um ambiente de trabalho hostil e preconceituoso. Para Santos e Scopinho (2011) as dificuldades no acesso ao mercado de trabalho, em especial, no primeiro emprego, atinge os jovens de formas e intensidades diferentes, questões de gênero, raça, nível de instrução, classe social e território são muitas vezes determinantes para garantir o acesso ao mercado.

Ao nos contar como foi o primeiro dia dela no mundo do trabalho, a jovem Déa, então com apenas 15 anos, nos disse que ao chegar na agência bancária onde iria começar a trabalhar, uma agência, conforme ela descreveu, de alto luxo, destinada ao mundo empresarial, sofreu preconceito e credita a desconfiança por ser uma jovem negra, pobre, da periferia:

O primeiro dia foi horrível, minha orientadora não tem tempo para mim, mas usei algumas táticas, a faxineira é o amor de minha vida. A gente sofreu um pouco de preconceito. O prédio da minha agência é de alto luxo e o segurança e a moça da portaria ficaram desconfiados da gente. As gavetas, ah.....(Déa, 15 anos)

Muitas vezes, há um discurso de que os jovens, em especial os jovens pobres, da periferia não querem nada, mas o que podemos ver nas narrativas dos jovens pesquisados que é ao contrário, eles querem mais do que apenas o dinheiro, por mais que ganhar um dinheiro para ajudar a família seja muito importante na vida deles, pois há jovens, como é o caso de Isabelli, cujo o salário oriundo do contrato de aprendizagem é a única renda fixa da família. O trabalho para muitos desses jovens vai além da sobrevivência, é pensado para alguns jovens como meio de realização pessoal, possibilidades de um futuro profissional mais promissor.

² No Programa de Aprendizagem Profissional, o empregador se compromete a oferecer formação técnico-profissional aos aprendizes e deve destinar uma pessoa na empresa que ficará responsável por orientar o jovem aprendiz no desenvolvimento de suas atividades práticas

Chamou-nos atenção o quanto foi recorrente nos depoimentos dos jovens a questão de pertencimento de classe, vários jovens disseram que foram mais bem acolhidos no Banco pelos seguranças e em especial pelo pessoal da limpeza, trabalhadores terceirizados e os mais precarizados, pois estes os reconhecem como sendo da mesma origem de classe social, como expresso na fala de Eduardo “eu acabei formando uma família de duas pessoas, uma funcionária e a outra é a vigilante, e essas duas pessoas são incríveis, se não fosse elas duas eu já tinha pedido pra sair”.

Sentimento bem diferente quanto ao que ele relata em relação à forma como os demais funcionários do Banco recebem os jovens aprendizes:

Eu acho que eles recebem os jovens aprendizes como meu orientador falou outro dia onde eu me senti muito diminuído: “**os jovens aprendizes e os estagiários não servem pra nada**” (Eduardo, 17 anos, grifo nosso)

Indagou-se como ele se sentiu ao ouvir essa fala do orientador e nesse momento da entrevista o jovem Eduardo ficou com os olhos cheios de lágrimas e continuou falando: “Eu lembro que até me arrepiei, me veio a lágrima no olho e eu acabei me sentindo muito diminuído e humilhado com aquilo. Lembro ainda que ele falou isso com uma alegria e me senti mais mal ainda, mas enfim segui tocando meu trabalho como sempre”.

O jovem aprendiz Tinho relata o estresse que teve com a sua gerente: “**ela aperta a minha mente**”. Referindo-se ainda à gerente ele fala: “ela quer me colocar em tudo, fica me cobrando. Essa semana ela me deu bronca por eu ser muito calado, ela disse que isso estava atrapalhando a minha imagem lá no Banco”. Disse ainda “eu sou muito tímido e realmente não falo quase nada. Essa semana teve uma hora que fui no banheiro respirei fundo para não jogar tudo pro ar. **Tive vontade de estourar**” (Tinho, 16 anos, grifo nosso).

Silva (2023), ao analisar as trajetórias de formação e inserção laboral de jovens aprendizes de outra organização social de Salvador, identificou, a partir dos relatos dos jovens, que a ideia do trabalho como princípio educativo não tem se materializado na prática, pois, é recorrente o sentimento de que em geral as atividades desenvolvidas pelos aprendizes são rotineiras, pouco acrescentam na sua formação, indo no sentido contrário ao que preconiza o Art. 429 da CLT, o qual deixa claro que na aprendizagem profissional o “aspecto formativo deve se sobrepor ao produtivo”. Entre os jovens entrevistados na nossa pesquisa também identificamos esse mesmo sentimento de frustração pela natureza do

trabalho expresso na fala da jovem aprendiz Terezinha "é um trabalho leve mas chato, me desculpe mas é um trabalho muito repetitivo, ficar arquivando todo dia, todo dia, a mesma coisa, é um trabalho repetitivo, é arquivo o dia todo, quando rola algo diferente é triturar papel".

Eu queria fazer um pouquinho de cada coisa, eles fossem me ensinando, estivessem ali me amostrando, para que eu pudesse adquirir uma experiência melhor. Vou todos os dias e só faço o que já sei, não aprendo coisas novas (Maria, 16 anos)

O desejo de que essa primeira experiência profissional na condição de jovem aprendiz seja uma oportunidade de aprendizagem é bem recorrente nas narrativas juvenis. Vale salientar que todos os quatorze jovens tiveram sua primeira experiência laboral na condição de aprendiz. Muitos deles queixaram que não estavam recebendo orientações para o desenvolvimento do seu trabalho:

Sinto falta da orientação. Ela pensa que a gente sabe de tudo. A gente sabe que ela é muito ocupada, é gerente. Fico com receio de chamá-la para pedir ajuda e tirar dúvidas. Cheguei atrasada dois dias, uma foi porque acordei tarde "Nem liga para a minha existência". Isso é ruim ou bom? Às vezes é bom mas tem coisas que preciso aprender, lá o povo esquece totalmente de mim, esquece da minha existência (Déa, 15 anos).

O jovem Téo relata que na agência onde trabalha não tem muito o que fazer. "Minha gerente disse que o Banco tem essa política de só deixar o jovem aprendiz fazer algumas tarefas. Agora estou em outro setor e estou tentando fazer outras atividades". Informa ainda, que soube que vai chegar outro "menor aprendiz" e ele fica apreensivo com a possibilidade de ter que dividir o pouco serviço com outro jovem aprendiz.

Outros estudos que tratam da juventude trabalhadora reforçam esse sentimento presente entre os jovens do desejo, em especial, no primeiro emprego, que ele seja um espaço de aprendizagem, como é o caso da pesquisa de Ramos (2017) que ao estudar em sua tese os modos de vida de jovens do Subúrbio Ferroviário de Salvador identificou que "o trabalho é percebido pelos jovens (especificamente nesta fase de suas vidas) como uma via para o aprendizado, sendo um componente importante do seu processo educativo e de preparação para a vida adulta" (Ramos, 2017, p.80), e quando não vivenciam essa aprendizagem no emprego, causa angustia e frustração.

Nos primeiros meses de trabalho, uma das principais reclamações dos jovens foi a falta de orientação, os jovens relataram que seus orientadores muitas vezes não têm tempo para eles, muitos desses orientadores são gerentes e tem uma sobrecarga de trabalho grande o que não permite um maior tempo para acompanhar os jovens no seu processo formativo e com isso gera sentimento de frustração como expresso na fala abaixo:

Com o meu primeiro orientador me senti mais acolhida, todo dia ele vinha falar comigo, perguntava como estava meu dia, perguntava várias coisas, ele me chamava na sala dele para conversar. Depois que ele saiu de lá os que vieram depois nunca chegaram para conversar comigo, pra saber como eu era (Renata, 17 anos)

Esse é um dos entraves que precisa ser revisto no Programa, falta um maior envolvimento das empresas, muitas delas só cumprem a obrigação legal de contratar jovens aprendizes em função da fiscalização dos auditores do trabalho do Ministério do Trabalho e Emprego. Nos últimos anos, o Banco do Brasil³ passou por um processo de reestruturação produtiva que ocasionou o fechamento de muitas agências, acarretando uma redução drástica do quadro de funcionários, ocasionando um acúmulo de funções e uma sobrecarga de tarefas coletivas, comprometendo o trabalho fundamental dos orientadores que tem o papel de orientar os jovens garantindo o caráter pedagógico do Programa. No caso do Banco do Brasil identificou-se uma grande rotatividade dos orientadores, como pode ser visto na situação da jovem Renata que em menos de dois anos teve uns cinco ou seis orientadores demonstrando uma falta de cuidado dos empregadores com esses jovens.

Contudo, é importante ressaltar que mesmo diante desse quadro de precarização do trabalho dos bancários, alguns aprendizes, ainda que em menor proporção, relataram ter encontrado em seu ambiente de trabalho pessoas que se preocupam com eles, que tem compromisso com a sua formação, orientadores que fazem a diferença na vida desses jovens, proporcionando aprendizagens importantes como nos relatou o jovem Téo.

³ Em 2016, o governo anunciou uma reestruturação do Banco do Brasil com o fechamento de 402 agências e redução de vagas em todo o país. Pfeilsticker (2004) ao estudar os efeitos da restruturação produtiva sobre a trajetória profissional dos funcionários da área de Recursos Humanos, verificou-se um acentuado processo de individualização no trabalho, com ênfase na busca de resultados, e metas individuais em detrimento das construções coletivas, passando a ter um ambiente altamente competitivo e com elevado grau de incerteza.

No início quando cheguei na minha agência a pessoa que seria minha orientadora estava de férias, aí foi o gerente que me recebeu. Quando cheguei ele falou para mim seja bem-vindo, o arquivo é lá em cima, mas não falou mais nada, como era, como eu devia arquivar, eu fiquei perdido mas aos poucos fui me virando sem ajuda de ninguém pois minha orientadora estava de férias. Depois que ela chegou foi totalmente diferente, com ela foi totalmente diferente, me ajudou a ter mais confiança em mim, ela me indicou cursos, me estimula, me orienta, ela foi decisiva na minha caminhada no Banco. (Téo, 17 anos)

Quirito, de apenas 16 anos, relata que no início tinha uma grande dificuldade de concentração, pois segundo ele nos contou, passava horas e horas a noite no celular nos jogos eletrônicos e chegava cansado pois dormia pouco a noite, e o seu orientador percebeu e o ajudou organizando um cronograma de horas que ele poderia ficar no jogo de forma a não comprometer o seu sono, e disse ainda "me ajudou ao conversar comigo sobre a minha falta de concentração, ele me disse que pode ser um déficit de atenção e como a namorada dele é psicóloga ele me indicou de conversar com ela"

Durante o tempo da pesquisa houve o desligamento do Programa de dois jovens e um dos motivos da não permanência de um dos jovens foi descrita como sendo o fato de que o jovem não suportava mais ficar no Banco em função do que outro jovem sintetizou "**o desprezo, ficar lá jogado sem nenhuma atividade**", podendo ocasionar um sentimento de impotência por não ser capaz de permanecer no trabalho e outros sentimentos negativos.

Santos e Scorpinho (2011) ao discutir sobre a inserção de jovens negros no mercado formal de trabalho ressalta que mesmo quando 'não estão excluídos' ou 'fora do jogo', eles acabam tendo uma inserção laboral em condições bem mais precárias e desiguais em relação aos brancos e muitas vezes essas experiências tanto de desemprego quanto de trabalhos precários acabam por reforçar sentimentos de inferioridade, pois não se percebem capazes.

Sendo o trabalho esfera central em torno da qual são edificadas as identidades de jovens - para os quais se colocam as expectativas de inserção no mercado de trabalho, em colocações que lhes permitem realizar projetos e obter melhor condição de vida - a experiência de desemprego e precariedade suscita sentimentos de inferioridade, angústia, desmoralização, incapacidade, entre outros (Santos; Scorpinho, 2011, p.34-35).

Uma das questões relevantes ressaltadas pelos jovens para uma relação positiva com o trabalho tem a ver com o sentimento de reconhecimento. Ser reconhecido pelos seus pares é um fator importante conforme pode ser constatado pela fala do jovem Eduardo que

relata a satisfação de ter seu trabalho reconhecido e de sentir-se importante, diz: “ontem chegou uma cliente e precisava falar com o gerente e eu fui lá no gerente e depois consegui que ele a atendesse depois ela saiu e me agradeceu”. Se por um lado o trabalho se constitui em importante mecanismo de reconhecimento social, no entanto, Vargas salienta que há formas distintas de sociabilidade experimentadas no trabalho, que podem tanto ser caracterizadas por “relações de tensão e conflito, de sofrimento e insatisfação, como por experiências de alegria, satisfação e sentimento de engajamento e pertencimento coletivo” (Vargas, 2016, p.316).

A EXPERIÊNCIA FORMATIVA NA AASMOS: ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO E APRENDIZAGENS

Uma das questões centrais que nos moveu quando começamos a pesquisa com os jovens aprendizes foi refletir sobre a formação recebida no âmbito do Programa de Aprendizagem Profissional, como os jovens percebem essa formação e o que tem significado para eles essa experiência formativa. Um dos jovens entrevistados ao falar da formação recebida na AASMOS disse: “*aqui discute temas que a gente não discute em lugar nenhum, Lourdinha ela dá uma abertura muito grande, ela nos dá coragem para expor nossas ideias. Foi agregando valores para gente*”. Esse sentimento é compartilhado por todos os jovens, que disseram que na AASMOS encontraram em Lourdinha, a educadora social, alguém que confia neles, alguém que acredita neles.

Como bem ressalta Paulo Freire não há possibilidade de um diálogo franco se não há uma intensa fé nos homens. “Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia”, e com isso “a confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo” (Freire, 2014, p.113).

Nas entrevistas com os jovens muitos relataram que na AASMOS aprenderam a ter voz, disseram que antes não falavam em público, não expunham suas opiniões. “Criar na sala de aula uma comunidade onde haja respeito pelas vozes individuais é que o retorno é bem maior, pois os alunos se sentem, de fato, livres para falar – e responder” (Hooks, 2017, p.60). Bell Hooks, a partir de sua experiência como docente, ressalta que muitos alunos das

instituições públicas, “a maioria deles de origem trabalhadora entendem que eles não têm nada de bom a dizer, nenhuma contribuição valiosa a apresentar para uma troca dialética de ideias” (ibid, p.199).

Nos encontros formativos da AASMOS há sempre espaço para a partilha de experiências. Para Hooks “a partilha de experiências e narrativas confessionais em sala de aula ajuda a estabelecer o compromisso comunitário com o aprendizado” (ibid, p.247). Uma das jovens nos contou que ao chegar na instituição era extremamente tímida, tinha dificuldade de falar nas rodas de conversa disse: “*aqui aprendi a me posicionar, me expressar*” (Terezinha, 16 anos, grifo nosso).

Os jovens entrevistados ressaltaram a importância de uma formação para além da dimensão instrumental. O conteúdo da formação específica mais direcionada para a função que vão exercer no Banco na condição de escriturário é ministrada nos primeiros dias da formação e tem caráter mais instrumental, e posteriormente, ao ingressarem na empresa a formação privilegia uma formação mais integral, conforme pode-se ver no depoimento de uma das jovens.

Eu não usei tanto o que aprendi aqui nos 40 dias, planilha, etc. apesar do Manual ter me ajudado muito, mas as aulas de hoje são mais importantes como a questão do relacionamento, convivência é o que mantém a gente aqui. A formação básica é fundamental pois a questão da convivência é o central. A preocupação com o outro hoje está mais forte em mim. (Téo, 17 anos)

Nas entrevistas buscamos refletir com os jovens as mudanças que eles perceberam neles depois que começaram a participar do Programa Jovem Aprendiz. Quando perguntamos à jovem Renata o que havia mudado nela ela respondeu: “*a Renata de hoje é diferente da de antes*” – lançamos então outra questão: em que se diferencia essas duas e ela ressalta:

Na questão da responsabilidade, quando eu comecei a trabalhar minha cabeça ficou mais madura, de tentar saber o que você quer, o que você está fazendo. Não é mais como antes que não tinha muita coisa para fazer, era só escola e casa, hoje em dia não, é uma responsabilidade maior, ter que organizar as coisas e o tempo (Renata, 17 anos).

Outra jovem diante dessa mesma questão destacou que: “*Penso que a gente melhorou muito, hoje a gente pensa mais no outro, pensa, dá um tempinho pro outro pensar no que fez*”. Essa ideia é presente em muitas outras falas de que quando chegaram na

instituição eram imaturos, agiam no impulso, hoje pensam mais antes de agir, conseguem se colocar no lugar do outro.

Para a jovem Isabelli “*todo mundo que entra aqui muda, acho que em termos de maturidade, ter responsabilidade, antes eu dormia tarde e acordava tarde, hoje não*”. Outro aspecto ressaltado por essa jovem foi ter ocorrido mudanças em termos de opiniões sobre alguns temas trabalhados em sala de aula.

Se, através de seu trabalho, o indivíduo se reconhece no mundo e estabelece uma relação significativa consigo mesmo e com os outros, na ausência de um trabalho significativo, de uma coletividade que o reconheça e sancione seu engajamento em uma atividade legítima, uma forte precariedade social pode ser ressentida (Vargas, 2016, p.329).

Como nos falou a jovem Déa: “*aqui é um cuidando do outro, quando um está no chão o outro no céu a gente desce e vai pegar o outro pela mão*”. Diz ainda:

É isso que mais me encanta aqui, cada um aqui não é só mais um, é um laço de família, e isso é precioso. A gente briga mas a gente não leva nem muito tempo brigado, não dura mais de 30 minutos. Hoje eu estou muito mais aberta as amizades, antes eu não conseguia, era muito desconfiada. (Déa, 15 anos)

Nos encontros formativos podemos perceber que o trabalho pedagógico desenvolvido pela AASMOS pauta-se em dinâmicas de grupo, com atividades lúdicas, utilizando música, desenho, momentos de relaxamento quase terapêuticos, se constituindo em um espaço onde os jovens possam extravasar seus medos, suas inquietações, suas dores, possibilitando-os lidar melhor com seus problemas, suas feridas, grande parte oriundas de problemas familiares. Em um dos encontros formativos, a educadora lançou uma questão para o grupo: Como tem sido sua corrida? Nesse momento, o jovem Josué, de apenas 16 anos, sorriso largo, poucas palavras, mas de emoções à flor da pele, desabou emocionalmente: “*Eu tento levar a vida sorrindo, mas as dificuldades estão chegando a mim de forma devastadora... Às vezes penso em desistir de tudo...*”.

Outro aspecto bastante ressaltado nas narrativas juvenis sobre a importância da formação recebida na entidade diz respeito as relações de afetividade construídas ao longo do Programa de Aprendizagem, destacam a importância das relações interpessoais, lugar de “*criar novos laços*” como nos disse Déa.

Apesar de não querer, querendo, eu queria criar novos laços pois eu era muito sozinha, nunca fui de ter amigos, aqui eu criei novos laços, fiz grandes amigos, grandes experiências profissionais, mas também muitas alegrias e algumas tristezas também. (Déa, 15 anos)

O primeiro contato com o mundo do trabalho foi de muita angústia, medo e também muitos descreveram o sentimento de isolamento, contudo relatam que as atividades teóricas realizadas nas sextas-feiras na entidade formadora, ao serem acolhidos pela educadora social que os propicia momentos de expressar seus sentimentos, diz que foi fundamental para que eles conseguissem permanecer no trabalho. A semana desses jovens é corrida, o jovem aprendiz tem uma rotina cansativa e pesada, como descreve Téo ao falar do seu trabalho no Banco, "é tudo ao mesmo tempo, organizar cartão, carregar caixa, arquivar" e ele diz ainda que nas sextas-feiras vir para a AASMOS representa para eles "o feedback, o descanso, abrir mente", pois "aqui discute temas que a gente não discute em lugar nenhum".

JUVENTUDE TRABALHADORA E O IMPACTO NAS TRAJETÓRIAS EDUCATIVAS

Uma das questões que permeou toda nossa pesquisa foi compreender as trajetórias formativas desses jovens buscando refletir como o fato de ainda tão jovens terem que trabalhar, impacta nas trajetórias educativas e como os jovens percebem a importância da escola nas suas vidas.

Nos relatos pode-se perceber que apesar de os jovens identificarem as dificuldades de conciliar estudo e trabalho, o trabalho é tão central na vida deles que muitos acabam buscando estratégias para conciliar o estudo com o trabalho e garantir a permanência no Programa, lembrando que é condição indispensável que estejam frequentando a escola.

A trajetória escolar desses jovens demonstra que essa geração iniciou sua inserção escolar já nos primeiros anos de vida, pois quase todos ingressaram na escola ainda na creche, aos três anos. Boa parte deles nunca teve nenhuma reprovação na escola, com trajetórias regulares. Dos quatorze jovens pesquisados apenas três tem trajetórias irregulares e já foram reprovados.

Todos os quatorze entrevistados estudam em escolas públicas, a grande maioria deles, com exceção de três jovens, estudam em escolas localizadas na região do Subúrbio

Ferroviário. Os jovens que estudam fora do bairro relataram que essa decisão, ainda que custosa, tanto em termos financeiros como de desgaste físico deveu-se ao esforço familiar de propiciar a eles uma educação de melhor qualidade. Assim como já identificado em outras pesquisas, alguns pais e jovens identificam que as escolas públicas localizadas nas áreas centrais ou de maior prestígio social oferecem melhores condições físicas e contam com professores mais preparados.

Quando indagados se o fato de estarem no Programa de Aprendizagem Profissional e terem que trabalhar e participar da formação profissional os prejudicam na escola, o jovem Victor (17 anos) diz: “*Nunca repeti de ano, mas eu venho regredindo cada vez mais na escola, tanto em termos de nota como de presença*”. Ao ser perguntado se considera que entrar no Programa Jovem Aprendiz foi determinante para essa regressão, ele responde: “*acho que isso é de cada pessoa, tem gente que se deixa comprometer, outros não*”, e continua dizendo “*a mim deixou, pois, meu local de trabalho é distante e geralmente eu tenho que sair da escola no quarto horário para poder chegar no trabalho, não assisto a última aula pra chegar no horário certo do trabalho e que eu possa ainda almoçar*”.

Muitos jovens relataram que têm chegado atrasados à escola, muitas vezes perdem as primeiras, ou as últimas aulas em função do curto prazo para deslocamento do trabalho para a escola, ou vice-versa. Nas conversas com os jovens aprendizes, se por um lado alguns jovens tenham dito que ter ingressado no Programa comprometeu o rendimento deles em sala de aula, tanto pelas faltas como pelo cansaço físico, que não os permite muitas vezes estudar, por outro lado, há falas que vão no sentido contrário. Como é o caso do jovem Eduardo que em função de não estar conseguindo conciliar os horários da escola com o trabalho teve que se transferir aos 16 anos para o turno noturno. Quando indagado se o trabalho comprometeu os seus estudos ele afirma: “*Claro que sim, inclusive por isso mudei para o turno noturno, mas por outro lado, o trabalho me ajudou muito mais*” Esse jovem diz não ter pretensões de seguir uma carreira universitária “*penso mais no empreendedorismo, assim o trabalho me deu muito mais benefício, me ajudou*”.

Ao perguntar à jovem Dandara (16 anos) se considera que o fato de ter entrado no Programa Jovem Aprendiz comprometeu o seu desempenho escolar, ela respondeu: “*eu acho que impactou*”. Diz ainda que o fato de estudar longe - essa jovem estuda no turno vespertino, em uma escola na Pituba, bairro nobre da cidade que fica bem distante de sua

moradia – “*acabo chegando tarde em casa e cansada, mas de manhã eu antes descansava, chegava cansada e tinha a manhã pra descansar mas hoje não tenho mais – as vezes tenho faltado à escola pois fico muito cansada*”. Apesar desse cansaço, a jovem ressalta que, no final, o fato de serem cobrados pelo Programa de ter frequência e bom desempenho acaba fazendo efeito ao contrário. Afirma ainda: “*a gente acaba se esforçando mais, pois aqui cobra muito, atestado de frequência, boas notas, os educadores do Programa sempre perguntam porque tivemos nota baixa, falam que precisamos nos esforçar mais, eles são muito próximos mesmo da gente, e essa cobrança acaba nos incentivando a estudar*”.

Nas entrevistas perguntou-se ainda como eles veem a escola? Verificamos que há um sentimento quase que generalizado de que na escola, diferente do que encontram na entidade social, com os educadores sociais da AASMOS, os professores não valorizam as suas histórias, as suas opiniões, o seu modo de ver o mundo, e destacam que esse talvez seja um dos motivos que levam os jovens a evadirem das escolas antes mesmo da conclusão do ensino médio. Indagou-se então, se eles conhecem jovens que abandonaram a escola e a que creditam a evasão escolar, eles disseram:

Conheço alguns – penso que é pela falta de empatia, a escola às vezes meio que desestimula a gente, a gente está pensando em fazer um projeto super bacana para mobilizar a comunidade e eles jogam balde de água fria na gente, tem professor que não aceita as nossas opiniões, principalmente a gente do 3º ano que já temos nossas opiniões formadas, a gente quer expor nossas opiniões e muitos professores não aceitam (Téo, 17 anos).

Na minha escola, apesar de ter bons professores tem também aqueles que não sabem ser professores, mesmo sabendo que lá na minha escola tem boas condições. Mas tem professores que se acham superiores pensam “eu que mando em você” e isso acaba fazendo com que muitos jovens desistam – há um embate com os professores (Déa, 15 anos).

Uma dimensão importante ressaltada por boa parte dos jovens pesquisados é a falta de diálogo entre professores e alunos. Como bem destaca Brenner e Carrano, a escola precisa se estruturar “sob princípios de dialogia entre sujeitos de múltiplas experiências e saberes em constante interação” (Brenner; Carrano, 2014, p.1223).

Outra questão que indagou-se aos jovens sobre a relação deles com os professores, o que se verifica é que há uma queixa generalizada. Como nos relatou Eduardo se referindo à maioria dos professores de sua escola, diz: -“*Eles chegam na sala só querem passar o conteúdo da sua disciplina, não tem nada fora da matéria. Escreveu no quadro acabou, não*

tem nada fora da matéria". Outro aspecto bastante destacado tem a ver com a forma como os professores se relacionam com os alunos, consideram que muitas vezes é desrespeitosa com eles como pode ser visto no depoimento abaixo:

eu discuti com ela, eu saí até fora de mim pois acabei utilizando a mesma palavra que ela usou pra tratar os alunos – falei professora se os alunos estão fazendo alguma coisa que não está de acordo com a sua matéria com a aula você simplesmente desce e fala com a diretora ou coordenadora mas não chama os alunos de idiota, pois idiota é você". E concluiu dizendo: "**um professor deve estar ali pra ensinar não pra nos chamar de idiotas**" (Eduardo,).

O jovem Tinho, de 17 anos, nos conta, que em sua escola tem professores que passam atividade no quadro e ficam o tempo todo no celular, "*nem lembram da gente*". Lima Filho (2014) chama atenção para o fato de que é recente a presença da população de baixa renda frequentando o Ensino Médio e em geral as escolas e os professores não estão preparados para esse "novo aluno – preto, pobre, da periferia – é elemento 'estranho' à Escola média; compartilha capital cultural distinto daquele incorporado pelos professores e gestores" e diz ainda, "frequentemente, "mal-vindo" e, não raro, temido" (Lima Filho, 2014, p.114).

Como bem ressalta Arroyo toda ação formadora se dá a partir das relações entre as pessoas, os jovens não podem ser vistos como "meros pacientes da ação formadora ou deformadora das tecnologias, da reorganização dos processos de produção e trabalho". Diz ainda: "as pessoas são sujeitos que se expressam nessa materialidade, que entram nela com suas matrizes culturais, suas histórias pessoais, suas representações e valores, sua subjetividade, sensibilidade, afetividade, emoção, sua condição humana" (Arroyo, 1998, p.163).

O jovem aprendiz Téo estuda em uma escola pública próxima a entidade, e falou que "*considera muito importante o jovem estar na escola, pois além de ser um local onde se aprende muitas coisas é também um lugar de fazer amizades, de convivência com os amigos*". Contudo, ressalta "*minha escola tem deixado a desejar*". Ele é um jovem participativo, estudioso, e nos disse que pretende fazer o curso de História ao concluir o ensino médio e estuda nessa escola há sete anos e relata que antes "*a escola era maravilhosa*". Nos contou ainda, que nos dois últimos anos, com a mudança da gestão escolar, percebe que houve uma piora significativa e, em especial, neste ano a situação se agravou "*era uma escola*

muito boa, mas depois que mudou a direção a escola está destruída, a direção nunca se encontra na escola, está abandonada”.

Outra queixa desse jovem se refere à mudança no Ensino Médio, em que o primeiro ano passou a ser integral. No entanto, ele relata que “*não tem nada, o pessoal fica ocioso à tarde, sem fazer nada, não tem curso não tem nada*”. Perguntamos a ele o que considera que precisaria mudar na escola e ele respondeu: “*Primeiramente eu mudaria a direção, eu acho a direção o mais importante em uma escola, e também faria o ensino integral funcionar de verdade, pois seria de muita ajuda pros jovens, se tivesse cursos profissionalizantes seria maravilhoso*”.

Os jovens identificam também que nem sempre a causa do baixo rendimento escolar deve-se ao trabalho, mas falam do desestímulo que ocorre também devido à má qualidade educacional e pelo fato de a escola não ser atrativa para os jovens. Lima Filho em seu artigo *Culturas juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos* destaca que há uma falta de identificação dos jovens com os conteúdos e as metodologias utilizadas pela Escola nas suas disciplinas “que sempre aparecem ser distantes, intangíveis, irreais, abstratos e não-práticos” (Lima Filho, 2014, p. 112).

Apesar desse sentimento permear boa parte das narrativas juvenis sobre a escola, é preciso lembrar que há experiências significativas, professores que fazem a diferença. O jovem Rosado, de 17 anos, gosta muito de ler e escreve poesias, diz gostar muito de estudar e nos contou que o gosto da leitura vem desde cedo, seus pais apesar do pouco estudo, ambos não ultrapassaram a 4º série, sempre incentivaram os filhos a ler, compravam revistinhas para eles. Na 5ª série do Ensino Fundamental ele e um colega que também gostava muito de ler, com o incentivo de um professor, se mobilizaram para fazer uma Feira Literária na escola e a partir daí a leitura passou a fazer parte do seu dia a dia. Rosado é um dos jovens mais participativos, é muito antenado com as várias expressões artísticas e culturais da periferia, sempre leva questões relevantes para a sala de aula, conhece bastante os movimentos culturais da periferia como hip hop, grafite, além de fazer parte de um grupo de jovens da periferia, que fazem batalha de poesia.

A importância do incentivo da família para a formação do leitor é ressaltada também pela jovem Dandara, outra jovem que, assim como Rosado, destacam-se no gosto pela leitura. “*Adoro ler, me considero uma boa leitora. Adquiri essa prática na infância. Eu*

tinha livro ganhei o Pequeno Príncipe aos 10 anos. Não leio muito biografia, gosto de ler ficção, gosto de ler besteira, romance louco de gente que se encontrou no ônibus”.

Brenner e Carrano (2023) chamam a atenção que numa sociedade de tantas incertezas e de poucos horizontes de futuro, os jovens acabam por ficar desinteressados e desconfiam da força dos diplomas e dos próprios saberes escolares, como caminho para acessar novos horizontes, como podemos ver no depoimento do jovem Eduardo.

Hoje eu vejo que tem muitos jovens desinteressados lá na escola por conta das dificuldades que passam, e também por achar que aquilo [se referindo a escola] não vai dar um futuro, não acreditar na sua capacidade, então assim, eu sou uma pessoa que vê algumas dificuldades em algumas matérias a exemplo de matemática, que antes eu não tinha mas hoje tenho um pouco de dificuldade mas eu procuro sempre me focar na escola pois eu sei que isso vai ser fundamental para o meu futuro e se eu sou uma pessoa persistente, uma pessoa que sonha, eu tenho que correr atrás dos meus sonhos e se eu deixar a escola de lado esses sonhos talvez não serão possíveis (Eduardo, 17 anos).

O momento da saída do Programa de Aprendizagem é cheio de muitas incertezas, e de muitas aflições pois esses jovens sabem bem o que os espera lá fora.

Perante estruturas sociais cada vez mais fluidas, os jovens sentem a sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém: saem da casa dos pais para um dia qualquer voltarem: abandonam os estudos para os retomar tempos depois, encontram um trabalho e em qualquer momento se veem sem ele; suas paixões são como “voos de borboleta” sem pouso certo [...]” (Pais, 2006, p.8).

A jovem Evelyn que no momento estava concluindo o seu contrato de trabalho falou emocionada, **“o que vai ser, não sei mais viver sem trabalhar”**. A fala de outra jovem, Flávia, reforça esse sentimento diante das incertezas. Semanas antes da conclusão de seu contrato de trabalho ela disse:

Esse dias me peguei lembrando de uma fala sua “o mercado não é brincadeira não” [referindo-se a Lourdinha a educadora], esses dias não estou nem conseguindo dormir direito, pois não é brincadeira não, dois anos de uma rotina e agora o que será de nós?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa indicam que se por um lado participar do Programa de Aprendizagem Profissional não é garantia de uma inserção dos jovens no mundo do trabalho após deixar de ser aprendiz, como podemos identificar nas entrevistas realizadas

com os jovens egressos, as trajetórias formativas e laborais deles após o Programa continuam cheias de percalços, de idas e vindas, nos remetendo a metáfora do ioiô de Pais, por outro, é possível identificar que tem conseguido fazer transformações importantes nos sujeitos que por aqui passam, muitos jovens tem saído do Programa de Jovem Aprendiz transformados, e acreditam que levarão por onde passar a marca desse projeto, como nos disse um jovem “tudo que aqui vivenciei e aprendi ficará marcado como uma tatuagem em mim”.

Nas narrativas juvenis é possível identificar a importância que o Programa de Aprendizagem Profissional teve na vida deles, propiciando para alguns jovens oportunidade de crescimento intelectual e cultural pois como bem destacou uma jovem “*a AASMOS desenvolve um papel social muito importante, capacitando e gerando oportunidades para adolescentes que moram na periferia, foi muito além de um emprego com carteira assinada, percebo minha evolução como ser pensante que sou*”. Contudo, não podemos deixar de destacar que nem tudo são flores: os jovens aprendizes também identificam as perdas, como nos disse um dos jovens que a entrada no mundo do trabalho é um deixar para trás a infância, resumida na perda da “inocência”, ou, ainda: “perdi de brincar como uma criança”. Relatam também que perderam também no sentido de um maior convívio com a família: “perdi de ficar o dia todo com meus pais”. Eles também sentem como perda o fato de que, com o trabalho, agora não têm mais o mesmo tempo de dormir, de assistir a filmes, de sair para vários lugares, de ficar com os amigos, ou seja as atividades própria da vida juvenil.

Os jovens aprendizes sinalizam, que apesar deles terem clareza do mundo do trabalho que os aguardam: um ambiente hostil, competitivo, cheio de disputas e conflitos, mesmo assim, consideram que o Programa tem um papel decisivo no sentido de torná-los mais fortes, é fundamental para prepará-los para lidar com as adversidades do mundo do trabalho que encontrarão após a finalização do contrato de aprendizagem, expresso nas palavras de uma jovem de apenas 16 anos ao ser indagada sobre o que leva dessa experiência como jovem aprendiz: “responsabilidade, acho que firmeza, força de vontade, antes era muito sensível, chorava por tudo, hoje aprendi a ser mais dura, ter mais determinação, mais força” (Evelyn, 16 anos). O Programa Jovem Aprendiz desenvolvido pela Associação Ação Social Mosteiro de Salvador tem propiciado a esses jovens aprendizes muito além do que uma educação instrumental de preparação de mão de obra barata para o

mercado de trabalho, tem possibilitado os jovens “abrirem a mente” e parafraseando as palavras da jovem Flávia: “Aqui sinto que ocorreu a **“sofisticação da alma”**.

Vivenciar esses dois anos do cotidiano dos jovens trabalhadores da periferia nos leva a concluir que a juventude trabalhadora também é multipla, um “mosaico de possibilidades”, sendo preciso romper com visões homogeneizadoras, é preciso que os gestores das políticas públicas voltadas para jovens da periferia os olhem pelas lentes de um caleidoscópio de forma enxergar a diversidade, a vivacidade e potencialidade desses jovens.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Trabalho – Educação e Teoria Pedagógica. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998 - (Coleção estudos culturais em educação);

BORGES, Angela. A Reconfiguração do Mercado de Trabalho da região Metropolitana de Salvador (RMS) a partir dos anos 2000. In: MELLO E SILVA, Sylvio Bandeira de; CARVALHO, Inaíá Maria Moreira de; PEREIRA, Gilberto Corso (org). **Transformações metropolitanas no século XXI: Bahia, Brasil e América Latina**. Salvador: EDUFBA, 2016;

BRASIL. Lei da Aprendizagem. Lei no 10.097, de 19 de dezembro de 2000. Brasília/DF, 2000.

BRASIL. Consolidação das Leis do Trabalho: aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

BRENNER; Ana Karina; CARRANO, Paulo Cesar R. Entre o Trabalho e a Escola: cursos de vida de jovens pobres. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 48, e120417, 2023.

BRENNER; Ana Karina; CARRANO, Paulo Cesar R. Os sentidos da presença dos jovens no ensino médio: representações da escola em três filmes de estudantes. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.35, nº 129, p.1223-1240, out-dez, 2014.

CORROCHANO, Maria Carla et al. **Jovens e trabalho no Brasil: desigualdades e desafios para as políticas públicas / Maria Carla Corrochano... [et al.]**. -- São Paulo: Ação Educativa, Instituto ibi, 2008.

CORROCHANO, Maria Carla. A presença e os sentidos trabalho para a juventude no brasil: olhares em um contexto de expansão das ações públicas. In: MIRANDA, Ana [et al.]. **Entre la educación y el trabajo: la construcción cotidiana de las desigualdades juveniles en América Latina** (Buenos Aires: CLACSO, marzo de 2018) compilado por Agustina Corica ; Ada Freytes Frey ; Ana Miranda. - 1a ed . - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO, 2018. Libro digital, PDF Disponível:
<file:///C:/Users/Lucia%20Alves/Desktop/tese2019/Libro-Entre-la-escuela-y-el-trabajo-FLACSO-digital.pdf>; Acesso em 12.07.2019.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo:** ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016, 416p.

DAYRELL, Juarez. O Jovem como sujeito social. In: BRASILIA. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetizada e Diversidade - SECAD. **Juventude e Contemporaneidade.** Brasília : UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. 284 p. – (Coleção Educação para Todos; 16).

FERNANDES, Silvia Regina Alves. Marcos Definidores da Condição Juvenil para Católicos e Pentecostais na Baixada Fluminense – algumas proposições a partir de um survey. **Relig. Soc.** 31 (1). Jun 2011. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rs/a/V9X9dYfnJVKY6Gy4JvvBrdP/?lang=pt>. Acesso em 20/10/2024.

FRANZOI, Naira Lisboa. Juventude, trabalho e educação. In: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignes Costa; STENGEL, Márcia (orgs.). **Juventudes contemporâneas:** um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011, p.117-134;.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 56ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GUIMARAES, Nadya Araujo. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira.** São Paulo, Instituto Cidadania e Editora da Fundação Perseu Abramo, 2004, p.149-173

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo B.Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017

JESUS, Iracema Souza de. **Experiências da primeira inserção profissional:** um estudo de jovens do Programa Jovem Aprendiz do Estado da Bahia 2015 – 2017. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Orientador: Profº. Drº. Clóvis Zimmermann, Salvador, 2018.

LEANDRO, Bianca; SOBRINHO, André; ABRAMO, Helena (org.). **Panorama da Situação da Saúde de Jovens Brasileiros:** Intersecções entre Juventude, Saúde e Trabalho. Rio de Janeiro: EPSJV / Cooperação Social da Presidência / Fiocruz / SUS / MS / Governo Federal Brasil União e Reconstrução, 2024.

LIMA FILHO, Irapuan Peixoto. Culturas Juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v.45, n.1, p.103-118, jan/jun.2014.

PAIS, José Machado. Prefácio: Buscas de si: expressividade e identidades juvenis. In ALMEIDA, Maria Isabel M. de; EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas jovens:** novos mapas de afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. (pp. 7-21).

PEDREIRA, Lucia Alvares. **Experiencias formativas e laborais de jovens aprendizes de salvador:** um estudo de caso. Tese (Doutorado) Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Campus I. Orientador: Antônio Dias Nascimento, 2020.

PFEILSTICKER, Zilda Vieira de Souza. **Reestruturação produtiva do Banco do Brasil:** trajetória profissional dos funcionários da área de recursos humanos que permanecem na empresa. Dissertação de Mestrado do Mestrado em Sociologia, março de 2004, Orientador: Profª Drª Berlindes Astrid Küchemann.

POCHMANN, Márcio. **Inserção Ocupacional e o Emprego dos Jovens.** São Paulo: ABET, 1998.

RAMOS, Renata Fornelos d'Azevedo. **A socialização na construção do modo de vida juvenil no Subúrbio Ferroviário de Salvador - BA** Tese (Doutorado) Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Campus I. Orientador: Antônio Dias Nascimento, 2017.

RANGEL, Patricia C.; CRISTO, Keley Kristiane V. Os Direitos da Criança e do Adolescente, a Lei de Aprendizagem e o Terceiro Setor. In: **Revista Jurídica da Amatra/ES.** Nº 1 - Vol. 1 - 2004 - publicação trimestral.

RIBEIRO, Rosana; NEDER, Henrique D. Juventude(s): desocupação, pobreza e escolaridade. **Nova Economia** _ Belo Horizonte_19 (3)_475-506_setembro-dezembro de 2009.

SANTOS, Elisabete Figueroa dos; SCOPINHO, Rosemeire Aparecida. Fora do jogo? jovens negros no mercado de trabalho. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**; Rio de Janeiro, 63 (no.spe.): 1-104, 2011

SARTI, Cynthia A. Família e jovens: no horizonte das ações. **Espaço Aberto, Revista Brasileira de Educação**, mai/jun/jul/ago, 1999 nº 11.

SILVA, Humberto. Trajetórias de trabalho: empregos precários e inserções provisórias. Dossiê "Jovens, Trabalho e Educação". **Pro-Posições** | Campinas, SP | V.34 | e20200107| 2023

SPOSITO, Marilia P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-127.

TOMMASI, Livia de; CORROCHANO, Maria Carla. Do qualificar ao empreender: políticas de trabalho para jovens no Brasil. **ESTUDOS AVANÇADOS**, 34 (99), 2020, p.353-369.

THOMPSON, E.P. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Trabalho, Educação e Prática Social:** por uma teoria da formatação humana. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991

VARGAS, Francisco Beckenkamp. Trabalho, emprego, precariedade: dimensões conceituais em debate. **Caderno CRH**, Salvador, v.29, nº 77, p.313-331, maio/ago. 2016.

Dados de autoria

Lucia Alvares Pedreira

Doutora em Educação e Contemporaneidade pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Professora do Departamento de Educação da UNEB – Campus II/Alagoinhas/Ba e Pesquisadora do Centro de Estudos e Pesquisas em Humanidades – CRH/UFBA. Email: lap@ufba.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4689-667X>.